



TRAÇOS IDENTITÁRIOS DO NEGRO (A) NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Marinalva Bezerra Vilar de Carvalho¹

Universidade Federal de Campina Grande-PB

nalva.vilar@hotmail.com

RESUMO

Essa comunicação tem por objetivo apresentar uma experiência de trabalho pedagógico vivenciada na escola pública municipal Lafayette Cavalcante, situado no município de Campina Grande-PB. A atividade teve como objeto de estudo o uso da literatura infanto-juvenil, para problematizar os traços identitários do ser negro na sociedade brasileira. A proposta se destaca pela sua diferença em apresentar aos educandos personagens negros que não estão representados na condição de escravizados nem de submissão. O objetivo foi problematizar as identidades dos personagens nas literaturas como forma de romper com as memórias negativas que os estudantes demonstram ter sobre a posição do negro na sociedade fundamentadas nas desigualdades étnico-raciais historicamente construídas pela concepção factual da história. A atividade faz parte do projeto: Conhecendo e Valorizando a História e Cultura Afro-Brasileira na sala de Aula, desenvolvido nessa unidade de ensino desde o ano de 2004, sendo continuado em 2016, no componente curricular de História, envolvendo os educandos do ensino fundamental II.

Palavras chaves: Negro; Identidades; Literatura infanto-juvenil.

Introdução

Diagnosticando a realidade do espaço escolar

Atuando como educadora no componente curricular de História, tecendo um olhar para as vivências pedagógicas na rotina da escola, constatamos a ausência de um projeto pedagógico que contemplasse uma política de afirmação e reconhecimento da diversidade cultural e étnico-racial. Identificamos que entre os educandos do ensino fundamental II havia práticas de preconceitos, desfaçadas de brincadeiras, mas que feriam as ‘vítimas’ ao ponto de gerar conflitos mais sérios de xingamentos entre os jovens. Então, sensível a essa realidade, acreditando que a escola enquanto instituição social é responsável por assegurar o direito da educação a todo e qualquer cidadão e que deve se posicionar contra toda e qualquer forma de discriminação, buscamos intervir nessa situação, e para isso foi sistematizado o projeto: Conhecendo e Valorizando a História e Cultura Afro-Brasileira na sala de Aula.

¹ Professora de escola pública municipal –CG. Mestranda em História pela Universidade Federal de Campina Grande-PB



O espaço dessa intervenção é a escola pública municipal Lafayette Cavalcante, no município de Campina Grande-PB, onde o projeto tomou corpo desde ano de 2004, envolvendo os educandos do ensino fundamental II, nos turnos manhã e tarde no componente curricular de História. Este acontece durante o ano letivo envolvendo várias temáticas sugeridas pelas leis 10.639/2003 e 11.645/2008. Desde então, essa escola tem sido um lugar de diálogos entre esses educandos com a construção de conhecimentos significativos na perspectiva de desconstruir os estereótipos negativos sobre o continente africano, o negro e a cultura afro-brasileira, ainda presentes na memória do ensino de história. Nessa trajetória, nos apropriamos das habilidades de leitura, escrita, oralidade e expressão corporal dos educandos, mediadas por diferentes recursos didáticos, tais como o livro didático, literatura infanto-juvenil, filmes, documentários, músicas, com os quais são realizadas diversas atividades pedagógicas ao longo do ano letivo de cada série.

Uma multiplicidade de fatores externos ao nosso planejamento muitas vezes limita a realização de algumas atividades, no entanto, o projeto desde seu início em 2004 tem conseguido envolver os educandos no campo educacional numa diversidade de experiências relacionando o ensino de História e as vivências cotidianas dos educandos. Nessa trajetória, são muitos os desafios, conforme, sintetiza Guimarães (2016, p.101) o desafio é ensinar história, livre de maniqueísmos, exclusões, preconceitos, falsas dicotomias e reducionismo.

Concordando com Guimarães (2016), buscamos contribuir com as discussões entre os educandos numa relação de aceitação, confiança, respeito e afetividade com estratégias pedagógicas de reflexão crítica sobre nossas atitudes com relação às práticas de preconceitos e discriminação racial na escola, para se colocar em pauta o ensinar e o aprender por meio da educação das relações étnico- raciais, na perspectiva apresentada por Silva (2007, p.490) A educação das relações étnico- raciais tem por alvo a formação de cidadãos, mulheres e homens empenhados em promover condições de igualdade no exercício de direitos sociais, políticos, econômicos, dos direitos de ser, viver, pensar, próprios aos diferentes pertencimentos étnico-raciais e sociais.

Entre as várias temáticas apresentadas na sala de aula com esse projeto, está a identidade do negro (a). Para discutir essa questão, delimitamos a problematização com o seguinte tema: Qual o traço identitários dos negros na literatura infanto- juvenil? O objetivo foi oportunizar a reflexão entre os educandos, a fim de romper com as memórias negativas que os estudantes demonstram ter sobre a identidade do negro na sociedade fundamentado nas desigualdades étnico-raciais. Elegemos



como eixo norteador educação e cidadania, como forma de discutir o reconhecimento e a valorização do negro na construção da identidade do povo brasileiro.

A perspectiva da educação é compreendida como o espaço de diálogo para a aprendizagem e foi pensada pela prática da pedagogia de projetos como uma ‘nova’ experiência do nosso fazer pedagógico nessa unidade de ensino, propondo aos educandos o trabalho em grupo para se construir o conhecimento de novos valores com relação ao tema discutido. Dessa forma, foi possível trabalhar a partir dos conhecimentos dos educandos, estimular a participação para construção da consciência crítica, proporcionando o ensino aprendizagem entre os envolvidos, num espaço vivo da sala de aula por meio da interação entre os educandos e os livros de literatura infanto-juvenil. Nessa dinâmica, atuamos como facilitadora do processo de construção dos conhecimentos sendo a cidadania compreendida sob a ótica de Guimarães (2016, p.100), quando diz:

A cidadania não é uma ideia abstrata ou natural, mas uma construção histórica. É cultural, produzida por homens e mulheres nas relações sociais concretas. Desse modo, defendo metodologias de ensino de história que valorizem a problematização, a análise e a crítica: que concebem alunos e professores como sujeitos produtores de história e conhecimento [...].

A proposta metodológica da pedagogia de projetos que foi desenvolvida na escola com os estudantes do ensino fundamental II, foi pertinente ao desafio lançado pela temática em questão, tendo em vista que eles foram concebidos como cidadãos, sujeitos históricos capazes de discutir e opinar nos diferentes espaços sociais onde atuam, o que se torna possível porque o trabalho com projetos envolvem ativamente os educandos.

Considerando a ideia de Marchand, (1985, p.19) que diz [...] na prática pedagógica podem surgir entre professor e aluno, sentimentos de atração ou de repulsão, escolhemos a literatura infanto-juvenil como ferramenta da interação entre os educandos e a temática problematizada por que consideramos que esse tipo de narrativa seria mais atrativo, evitava a repulsa colocada por Marchand e despertaria nos educandos a sensibilidade para compreender e discutir os temas propostos. Outro aspecto significativo dessa escolha foi que as literaturas selecionadas apresentam personagens negros, que não estão na condição de escravizados nem de subjugados. Essa opção fez toda a diferença nas atividades, visto que os personagens negros nas literaturas se apresentam com identidades diferentes dos estigmas da história tradicional que os estudantes estavam acostumados a ver e ouvir.

Portanto, com o uso da literatura infanto-juvenil houve a realização das atividades educativas envolvendo negros, pardos e afros descendentes existentes na sala de aula, oportunizando o reconhecimento de si e do outro no contexto de valorização da diversidade e da



igualdade, se configurando como um ‘novo’ passo no cotidiano escolar para a construção de uma equidade étnica racial a partir da reflexão e problematização do tema: Traços identitários do negro na literatura. .

Nesse desafio nos colocamos em sintonia com as Orientações e Ações para a Educação das Relações Ético-Raciais, quando se refere ao Ensino Fundamental: ‘A questão do racismo deve ser apresentada à comunidade escolar [...] não nascemos racistas, mas nos tornamos racistas devido a um histórico processo de negação da identidade e de ‘coisificação’ dos povos africanos’. (BRASIL, 2006, p.56).

Cabe destacar, que como há uma limitação de páginas para exposição desse trabalho, não sendo possível expor todas as experiências educativas vivenciadas nas turmas envolvendo tarefas e aprendizagens, optamos em apresentar uma das experiências vivenciadas pela turma do 8º ano tarde. Essa decisão foi motivada pelo considerável empenho e envolvimento dos educandos ao realizar as atividades propostas. Esse trabalho buscou desenvolver procedimentos de ensino aprendizagem visando à formação de cidadãos críticos e antirracista, focalizado na concepção de ensinar de Paulo Freire, (2010, p.35) quando diz: ‘ensinar exige riscos, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação’.

Trilhas metodológicas do projeto

Como já referido a narrativa apresenta uma etapa do projeto de intervenção pedagógica que é vivenciado nessa escola. Para a concretização desse momento foi composta voluntariamente uma equipe com três educandas, cuja missão foi contribuir junto à professora como monitoras e articuladoras da primeira atividade do projeto que foi o circuito de leitura das literaturas infanto-juvenis, envolvendo os demais estudantes da sala de aula, durante o período de três meses. Nesse contexto, foi possível, como diz Freire (1967, p. 26) ‘Uma pedagogia que elimina pela raiz as relações autoritárias, onde não há “escola” nem “professor”, mas círculos de cultura e um coordenador cuja tarefa essencial é o diálogo’.

Foi nesse diálogo, que após as aulas expositivas e através de recursos visuais sobre identidade, tendo como referência Stuart Hall (1997), que os educandos ficaram sabendo que as identidades são sempre construídas, devendo por isso ser definida pela história e não biologicamente. Com essa exposição, certamente os educandos começam a perceber que as identidades que eles tinham sobre o ser negro no Brasil, são resultados de uma dimensão estereotipadas potencialmente construídas num processo histórico eurocêntrico.

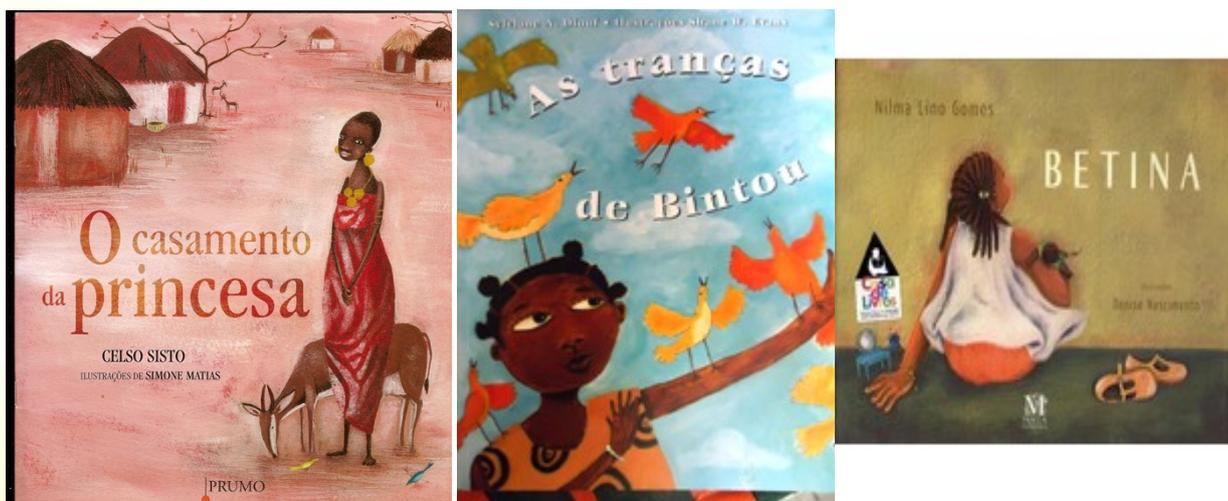


O circuito de leitura possibilitou que os educandos pudessem ler os seis livros sugeridos e realizassem as anotações que consideravam pertinentes para registrar os traços das identidades dos personagens como também sua compreensão das histórias apresentadas, no contexto da cultura afro-brasileira. Após a conclusão do circuito de leitura foi marcado o dia do debate, onde cada educando expôs através da expressão oral seus registros escritos e também as representações de imagens desenhadas sobre os personagens de acordo com as identidades capturadas através das leituras. Estas imagens foram usadas para confeccionar um mural informativo na sala de aula.

As escolhas das Literaturas utilizadas como objeto de estudo

Nas nossas leituras na biblioteca da escola para viabilizar ‘novas’ práticas pedagógicas no cotidiano das salas de aulas, encontramos esses livros que foram utilizados nessa prática educativa, quando percebemos que as obras literárias infanto-juvenis cada vez mais inserem nas suas narrativas temas históricos no contexto cotidiano da sociedade contemporânea da qual fazemos parte. Essa perspectiva literária aproxima o jovem leitor do seu ‘mundo’ e de certa forma desperta a sensibilidade para se perceber a realidade local. Então, quando essa etapa do projeto foi pensada o objetivo foi despertar nos educandos através dessas literaturas a percepção de outras identidades que a pessoa negra tem e não são reconhecidas, para isso concebemos a linguagem literária como mais atrativa aos jovens pela sua ludicidade e linguagem mais coloquial como forma de torna-se mais próxima do universo dos educandos, possibilitando aprender a desconstruir os valores negativos sobre a pessoa negra.

Imagens² das capas das Literaturas utilizadas



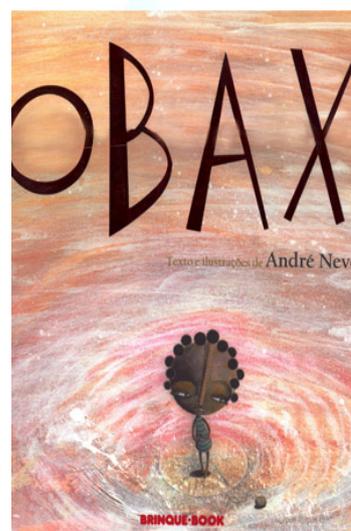
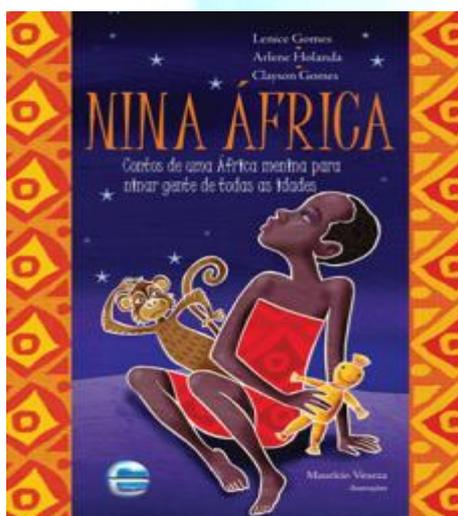
² Imagens e informações sobre as literaturas foram obtidas através do site aberto de busca www.Google.com.br



Os livros foram os seguintes: ‘ O Casamento da Princesa’ de Celso Cisto é uma fábula que o autor resgata a magia por trás dos contos africanos uma história repleta de simbologias e significados contadas pelos mais velhos aos mais novos .

O livro ‘As tranças de Bintou’ é um conto escrito pela autora Sylviane A. Diouf. Apresenta a história de uma criança negra que queria se livrar dos birotos do cabelo para ter tranças.

O livro Betina de autoria Nilma Lino Gomes, apresenta um enredo lúdico que reafirma valores ancestrais a partir das tranças no cabelo tendo no penteado sua referência afro.



‘Nina África’, autores: Arlene Holanda, Clayson Gomes, Lenice Gomes, apresenta a pluralidade cultural, a mitologia africana, amizade, solidariedade.

O livro ‘Omo-Oba’ -Histórias de Princesa é um livro que apresenta mitos africanos que apresenta diferentes características do modo de ser feminina, a proposta é fortalecer a personalidade das meninas, trabalha a mestiçagem para reconhecer no outro a singularidade das origens e a singularidade nas diferenças.

‘OBAX’: uma menina com nome de flor, autoria André Neves, é um texto de ficção produzido partir de pesquisas dos comportamentos das mulheres nas tribos dos países Nigéria, Costa do Marfim, Senegal, Mauritânia e Mali, o autor criou a personagem Obax, para construir a narrativa do texto.

Os livros selecionados apresentam temas diversos em torno da valorização da cultura e do cidadão negro, o que certamente também contribuiu para a compreensão e o crescimento pessoal de cada educando, sobre outros temas problematizados. No entanto, o viés principal das discussões foi em torno das identidades, tendo em vista que a nossa preocupação é a formação educativa de ‘novos’ valores permitindo aos participantes do projeto uma convivência mais harmoniosa na escola e na sociedade com as diferentes identidades do outro.



Apesar das literaturas possibilitarem vários campos discursivos sobre a história e a cultura negra no Brasil e no continente africano, o foco desse trabalho privilegiou o tema identidades, tendo em vista os valores negativos que e a identidade do ser negro de acordo com os padrões eurocêntricos estavam construídos nas práticas sociais dos educandos na escola, e estavam provocando os conflitos de não aceitação do outro. Isso foi possível, porque segundo Tavares (2011, p.188), ‘O uso do ponto de vista restrito não apenas torna a identificação entre leitor e personagem mais fácil; ele também promove uma apresentação direta e imediata devido ao fato de ser assim que as pessoas parecem agir na vida real’.

Notas dos Resultados da Trajetória da vivência pedagógica

Com a escolha dessas literaturas foi possível administrar nossa inquietação com a necessidade de mostrar para os educandos a construção de uma imagem positiva da pessoa negra, contrariando as versões históricas do racismo e do preconceito que tenta desqualificar a pessoa negra a partir de estereótipos negativos pautados num mito da democracia racial. O objetivo foi desconstruir entre os educandos as imagens negativas que eles trazem nas suas memórias históricas e culturais, como forma de romper a existência de valores negativos e pejorativos quando se referem a pessoa negra.

Considerando os fundamentos teóricos que embasaram esse trabalho foi importante inicialmente sensibilizar os educandos para participar do projeto, sendo significativa a participação de todos no circuito de leitura monitorado pelo grupo das três estudantes. Após os três meses das leituras aconteceu o dia do debate, onde contatamos que apenas três estudantes não apresentaram os conhecimentos apreendidos nas leituras, nem as atividades escritas. Essa constatação despertou nossa sensibilidade em imaginar porque tais estudantes, não tiveram interesse em expor os conhecimentos apreendidos.

Quando identificamos essa fuga dos três educandos em discutir sua própria identidade, intervimos para que a questão da identidade fosse mais bem esclarecida, tornando necessário partir da análise de algumas especificidades. Assim, fizemos uma articulação entre o ser social e individual, mostrando que a identidade é um ponto de referência que vêm sendo construída e nos diferencia do outro. Sem necessariamente haver preconceito e discriminação nessa diferença. Uma vez reconhecida essa diferença é necessário partir para a compreensão do outro, nos seus valores, hábitos, normas, para que haja uma convivência harmoniosa.



O circuito de leitura oportunizou aos educandos exercitar as habilidades da leitura, a escrita, e a contextualização das literaturas lidas com suas práticas de preconceito no cotidiano da escola. Os alunos puderam agir com autonomia e criatividade no decorrer da realização da produção dos desenhos e textos que foram expostos e discutidos no dia do debate para o encerramento dessa etapa do projeto.

Através das falas dos estudantes foi possível perceber que eles tomaram consciência de que o processo de construção da sua identidade começa no seu grupo social que é a família, onde o seu nome é a primeiro referencial de identidades, assim ele passa a ter o reconhecimento individual e também pertencente a um grupo social. E o seu reconhecimento como negro(a) ou afrodescendentes aconteceu naturalmente observando as características das personagens apresentadas nas literaturas lidas, sendo refletidas também em torno das imagens e das representações positivas.

Esse processo não foi fácil, visto que a aceitação do diferente pela sociedade dificulta para os estudantes se perceberem como afrodescendente. Pois, a identidade é continuamente construída num processo de ir e vir, foi o que ocorreu durante os meses de realização desse projeto. Assim, percebemos nos discursos dos estudantes ao apresentarem as identidades dos personagens ao se identificarem também nessas identidades negaram o que lhes convém e aceitavam o que lhes parecia mais apropriado a sua imagem. Nesse sentido, ocorre o que foi posto por Hall (2006, p.6) 'identidades correspondentes a um determinado mundo social estão em declínio, visto que a sociedade não pode mais ser vista como determinada, mas em contínua mutação e movimento, fazendo com que novas identidades surjam continuamente, em um processo de fragmentação do indivíduo moderno'.

Dessa forma, oportunizamos a possibilidade dos educandos refletirem suas ações de forma positiva ao ponto de inquietar-se e perceber na sociedade a necessidade de acabar com as práticas de preconceito racial. Além dos traços identitários referentes à aparência, envolvendo cor, cabelo, olhos, roupas, as literaturas também apresentam sentimento de amor, amizade entre os personagens, onde os educandos podem se espelhar para uma convivência com alteridade, revendo suas subjetividades.



Considerações

Ao focalizarmos as identidades para os estudantes temos a consciência que se trata de um tema complexo, onde eles teriam que reconhecer a si mesmo para se diferenciar da identidade do outro. Foi o que eles puderam constatar nas literaturas lidas. Pois, os personagens estavam sempre relacionados a um papel social individual e coletivo. Nesse sentido, os educandos perceberam que a identidade é um fenômeno histórico, cultural e social que há possibilidade das construções das desconstruções das identidades. Nesse percurso os estudantes tiveram a oportunidade de tomam consciência da sua identidade.

Ainda é perceptível nos espaços da escola discussões sobre a questão das identidades do povo negro e de nós afrodescendentes. O ser negro, na nossa sociedade ainda é sinônimo de ser diferente. E essa diferença geralmente é excludente e negativa. Uma tentativa da mudança dessa realidade é a continuação do nosso trabalho pedagógico envolvendo educandos no debate dos temas em torno do respeito a diversidade, porque acreditamos que nesse contexto o ensino da História possui papel relevante para despertar a conscientização para a superação da exclusão social, na construção da cidadania e na emancipação social e política dos sujeitos históricos.

Esse projeto foi resultado de uma ousadia pedagógica na escola no contexto de trabalhar a identidade negra, e o preconceito, pois muitos educandos não se aceitam com tal. Consideramos que o objetivo foi alcançado ao percebermos os discursos dos educandos tanto escrito quando verbal sobre seu aprendizado. Porém, ficou claro que apenas foi plantada uma semente e que muitas coisas precisam ser feitas para que sejam quebrados os grilhões do preconceito racial que ainda persistem na nossa sociedade. É preciso continuar a discussões sistemáticas das relações étnico-raciais, da história e cultura africanas e afro-brasileiras, como forma de conscientização crítica contra as desigualdades históricas, culturais, econômicas e sociais que ainda incidem sobre a população negra e da nossa afro-descendência no nosso país.

Referências

BRASIL, LDB. Congresso Nacional. Lei n° 9394 de 20.12.98 Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.

BRASIL, Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Brasília, DF: MEC, 2004.



BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília: SECAD, 2006

BITTENCOURT, Circe (org). O saber histórico na sala de aula. 7º ed. São Paulo: Contexto, 2002.

DIOUF, S. A. As tranças de Bintou. São Paulo: Cosac & Naif, 2004.

FILHO, José Nicolau Gregorin, PINA, Patrícia Kátia da Costa, MICHELLI, Regina da Silva Michelli (orgs.) A Literatura infantil e juvenil hoje: múltiplos olhares, diversas leituras – Ed. Dialogarts-publicações, Rio de Janeiro, 2011. ISBN: 978-85-86837-77-7.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 42ª ed. São Paulo: Paz e terra; 2010.

FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FONSECA, Selva Guimarães. Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados. São Paulo: Papirus, 2003.

GOMES, Nilma Lino. Betina. Ilustrações de Denise Nascimento. Belo Horizonte: Mazza, 2009.

GUIMARÃES, Selva Fonseca. (Org.) Ensino de História e Cidadania. Campinas, SP: Papirus, 2016.

HALL, Stuart. Identidades Culturais na Pós-Modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOLANDA, Arlene, GOMES Clayson Gomes, GOMES, Lenice Gomes - Nina África - Contos de uma África menina para ninar gente de todas as idades. Ed Elementar, 2009.

MARCHAND, Max. A afetividade do educador. (Tradução de Maria Lúcia Spedo Hildorf Barbanti e Antonieta Barini; direção da Coleção Fanny Abromovich). São Paulo: Ed. Summus, 1985. (Novas buscas em educação: 23).

NEVES, André. Obax. Ed. Brinque Book. 2010.

OLIVEIRA, Kiusam de. Omo-Oba: Histórias de Princesas, Mazza edições - Belo Horizonte/MG –

SISTO, Celso. O casamento da princesa. Ilustrações de Simone Matias. São Paulo, Prumo, 2009.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves, Aprender, ensinar e relações Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil étnico-raciais no Brasil- Educação Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez. 2007.